

ONDE CHE GUEVARA ERROU

Ten-Cel E. J. Dollard (ARMY, EE.UU., abril, 1964). Tradução condensada do Capitão Roberval de Guimarães Carvalho.

A ação foi diversificada nas Caraíbas em 1959. Este foi um ano interessante. O primeiro sinal de quanto fôra bom Fidel Castro ter derubado o ditador cubano Batista, começava a surgir. Havia lutas e ruínas de guerra em toda a América Central e nas Caraíbas.

Quando chegou o calor sufocante do verão tropical, Cuba e a República Dominicana trocaram invasões fracassadas, que chegaram a incluir lançamento de pára-quedistas e desembarques anfíbios. Logo após, Castro realizou investidas no Panamá e na Nicarágua.

O Haiti, durante meses, viveu sob lei marcial, enquanto o exército dava caça a um bando de guerrilheiros castristas que tinha tentado estabelecer uma base de operações, numa zona montanhosa distante.

John A. McCone, que está familiarizado com o atual treinamento de guerrilhas e sabotagens, ministrado aos latino-americanos em Cuba, por mestres experientes do bloco soviético, assim se referiu àquela época: "O empenho cubano, no momento, é muito mais sério do que os raids apressados e mal organizados, que os veteranos barbudos de Sierra Maestra lideraram contra os países da América Central, tais como o Panamá, Haiti, Nicarágua e a República Dominicana, durante os primeiros oito ou nove meses de Castro no poder".

Qual a finalidade daqueles raids mal organizados? do ponto de vista tático não foram bem executados, mas tiveram um propósito.

Na animação do sucesso inicial, Castro acreditou que os povos das nações vizinhas levantar-se-iam quando sua bandeira fôsse desfraldada "in loco". Com esta finalidade, começou os reconhecimentos do tipo guerrilha.

A doutrina para tal ação foi estabelecida por Che Guevara: "A área para a luta armada na América subdesenvolvida é a região rural... Os guerrilheiros alcançarão sua eficácia com o apoio das massas... Eles contam com o apoio de toda a população de uma localidade".

De certo modo, as incursões de guerrilheiros, no Panamá, Nicarágua, Haiti e República Dominicana fracassaram em obter o necessário apoio do povo. Qual a razão?

O Haiti é a segunda república mais antiga do hemisfério ocidental. É também um exemplo contemporâneo clássico, de uma nação feita

sob medida para a subversão e ação de guerrilha. É um país populoso e onde grassa a miséria, com um índice de analfabetismo de 90%. Sua economia agrícola é somente uma — a lavoura do café. Cultiva também cana de açúcar e agave, num índice regular. As comunicações são primitivas, e algumas áreas não possuem comunicação alguma.

Assim era o Haiti em 1959, um país no qual o embaixador do governo de Castro foi bem recebido, e as relações diplomáticas foram estabelecidas. Os laços de amizade não duraram muito.

Além do embaixador e dos funcionários normais, Castro designou adidos militares — cinco dos quais para a embaixada na capital, Pôrto Príncipe. Eles começaram viajando pelo interior do país, estudando o "modus vivendi" do povo, e fazendo discursos pró-Castro sempre que uma oportunidade se oferecia. Não usavam de nenhum subterfúgio em seus atos. Eram "verdadeiros barbudos", e habitualmente vestiam uniforme verde, com cinto de guarnição e pistola. O derradeiro objetivo era estabelecer uma base no Haiti, da qual os partidários de Castro pudessem cruzar a fronteira, e hostilizar o governo anticomunista da República Dominicana.

O governo haitiano tolerou os oficiais de Castro por pouco tempo. Realmente existiam simpatizantes comunistas no Gabinete do Haiti, mas estes eram esquerdistas do tipo daqueles dos salões de festas parisienses. A aproximação com os barbudos sem gravata não lhes interessava.

Como era de esperar, os pistoleiros cubanos entraram em tiros noturnos, em Pôrto Príncipe.

Como primeira providência, o governo haitiano expulsou os adidos militares cubanos.

Logo após — isto foi em junho de 1959 — o Haiti cortou relações diplomáticas com o governo de Fidel Castro.

Foram feitas então observações para as guerrilhas de Castro no Haiti. Baseado nos relatórios dos adidos militares, Castro acreditou que o governo haitiano seria facilmente derrotado, se os camponeses fossem grupados e organizados. Com esta finalidade, a 12 de agosto, um barco repleto de soldados castristas da Província de Oriente aportou na extremidade sudoeste do Haiti, num vilarejo de pescadores, até aquela época uma cidade sem importância, chamada Les Irois. A área escolhida para zona de desembarque mostrou a sagacidade de Castro em subversão, pois, naquela época, a península sul do Haiti estava em franca oposição ao presidente François Duvalier. Se alguma parte da população estivesse em estado insurrecional, seria naquela região. A época também estava certa, porque o mês de agosto no Haiti assinala o auge do desespero, quando o desemprego apresenta seu mais alto índice, e quando os mais exaltados estão aptos a aceitar um movimento insurrecional.

A ordem e a lei no vilarejo eram representadas por três homens, que constituíam um posto avançado do exército haitiano. Tendo observado o desembarque, o trio alcançou a estrada sem perda de tempo — a pé — na direção do quartel de seu pelotão, em outra vila dez quilômetros ao norte.

Não há comunicação telefônica na zona rural do Haiti, e até na capital ela é muito precária. O cabo e os dois soldados abandonaram o posto em Les Irois apressadamente, mas sem pânico. Eles estavam simplesmente tomando uma linha de ação direta, para cientificar aos seus superiores que o Haiti tinha sido invadido. Na pressa, ao partir, exageraram a estimativa sobre o efetivo da força invasora. "Eram dois navios conduzindo cem homens cada um", disse o cabo, ainda ofegante da caminhada, ao seu tenente, três horas mais tarde.



O tenente, na mesma situação, sem contato telefônico e tendo um efetivo de 15 homens, elaborou um relatório sobre o incidente, levando-o de maneira mais rápida, porque dispunha de um jipe. Quatro horas mais tarde, após percorrer 60 quilômetros numa estrada pedregosa, alcançou a sede de sua Companhia, em Jeremie. Era quase meia-noite, naquela cidade costeira de 15.000 habitantes. O velho gerador da cidade, que fornecia três horas noturnas de luz aos seus moradores, tinha sido desligado há uma hora. A noite estava um breu quando o tenente chegou ao aquartelamento da Companhia. O comandante, despertado em seu sono, após soltar alguns impropérios comuns em tais circunstâncias, berrou àasperamente: "O que você quer" ?

O tenente, sabendo que sua resposta teria que justificar seu ato, respondeu com exagero: "trezentos cubanos desembarcaram em Les Irois".

O comandante possuía um rádio de campanha em sua cabana, que se comunicava com o Quartel-General em Pôrto Príncipe, mas não era fácil mandar uma mensagem. O operador teria que ser acordado, o gerador tinha que ser ligado, e então teriam que torcer para que o operador do aparelho, em Pôrto Príncipe, não estivesse dormindo em seu posto, o que felizmente aconteceu. A 01.30 da madrugada de 13 de agosto de 1959, o oficial de serviço no Quartel-General da capital recebia a mensagem de que uma força de 300 cubanos desembarcara no país.

Naquela época, as relações oficiais entre o Haiti e os Estados Unidos não eram más. Em uma hora, a informação tinha sido entregue na embaixada americana. Dêste modo, às 3 horas da madrugada, o alarma "os barbudos estão vindo", que se originara na véspera com a saída apressada de um cabo de Les Irois, foi levado a residência do embaixador dos Estados Unidos, por um membro da Marinha americana. Quando êste tentou se ligar com o pessoal da embaixada, durante a madrugada, a recepção do embaixador não foi das melhores. Comparativamente, o comportamento do sonolento comandante haitiano de Jeremie pode ser considerado cortês e complacente.

A embaixada fez o que pôde para avaliar a situação, e, três horas mais tarde, o oficial de serviço no Departamento de Estado, em Washington, recebeu a mensagem: "o Haiti foi invadido".

Os fatos, que haviam transpirado até aquêle momento, revelaram as vantagens iniciais que aumentam o poder das ações de guerrilha em nações subdesenvolvidas:

- A morosidade das comunicações, no âmbito nacional, dá aos guerrilheiros o tempo necessário para se organizarem;
- As guarnições militares estão, em sua maioria, nas principais cidades, deixando as áreas longínquas livres para a ação;
- A inclinação para o exagero, por pessoas supersticiosas, aumentando o estado de pânico.

Fatos posteriores (semanas depois) mostraram que o destacamento de desembarque cubano tinha realmente 36 homens. Foram liderados por Henri Fuertes, um aventureiro argelino que se juntara a Castro em Sierra Maestra, e estava familiarizado com o Haiti, devido a suas andanças políticas anteriores. Também falava o dialeto dos camponeses haitianos. Como seu mais valioso auxiliar, veio um homem especializado em propaganda castrista, cujo trabalho era supervisionar a formação de grupos de camponeses insurretos. O resto da expedição consistia de soldados uniformizados. Cada um possuía

um cartão de identidade militar, constando de uma fotografia, número, nome, posto e lugar de alistamento (Província de Oriente). Estavam armados com fuzis americanos M1, e traziam uma cartucheira de munição.

Tendo desembarcado com sucesso, Fuertes não perdeu tempo na Costa, dirigindo-se para o interior do país, para onde havia planejado organizar os simpatizantes locais.

Sob o sol tropical de 13 de agosto, o Quartel-General do Exército haitiano em Pôrto Príncipe tornou-se movimentado. O Estado-Maior das Forças Armadas do Haiti estava sob comando unificado. Além do exército, possuía uma força aérea de três C-47, quatro P-51 e cinco aviões de reconhecimento, tendo ainda uma guarda costeira de 4 barcos patrulheiros que foram empregados corretamente.

Tudo começou com um reconhecimento aéreo imediato da zona costeira atingida. Dois barcos patrulheiros foram mandados para o local, com a missão de patrulhar a costa sudoeste da península. Durante a tarde, 200 soldados armados com fuzil, foram transportados por via aérea, de Pôrto Príncipe para Jeremie.

Além disso, foi decretada a lei marcial, estabelecido o toque de recolher, e blocos de pedra foram colocados barrando a estrada, na fronteira. O deslocamento de civis pelas estradas foi praticamente paralisado, exceto o trânsito de produtos agrícolas das fazendas para os mercados, transportados, sobre a cabeça, pelos camponeses.

Em outro setor da capital, nos círculos diplomáticos, havia grande curiosidade. Haveria guerra entre o Haiti e Cuba? Embora as comunicações internas, no país, fossem precárias, o mesmo não acontecia entre Washington e a embaixada americana. Naturalmente, havia intranquilidade, devido à notícia matutina de que o Haiti havia sido invadido. Indagações eram feitas sobre quem, o que, quando e onde havia ocorrido o desembarque em grande escala.

Os desmentidos destes desembarques em grande escala foram feitos, baseados nos vôos de reconhecimento haitianos ao longo do litoral. Era somente uma ação limitada. Na verdade, qualquer que fosse a natureza da agressão, não estava sendo bem sucedida. As forças haitianas estavam resistindo.

A localização dos invasores, no interior, não era conhecida. No dia seguinte, mais 100 homens armados voaram para Jeremie, e patrulhas foram lançadas para determinar essa localização e o efetivo do grupo de "barbudos".

Passaram-se 3 dias sem qualquer notícia dos invasores. O primeiro contato foi estabelecido, quando um camponês haitiano que guiava uma patrulha para o local em que se encontravam os invasores, foi morto por um franco-atirador. Nas 3 semanas seguintes, houve busca fatigante pelas montanhas do sudoeste, tendo-se a impressão de que o líder barbudo Fuertes trocara sua base de opera-

ções, aparentemente ainda sem o esperado apoio de simpatizantes locais. Nesse ínterim, 4 guerrilheiros foram mortos pelas patrulhas, e identificados como soldados cubanos de Fidel Castro.

As perspectivas melhoraram quando os haitianos começaram a fechar o cerco.

Após 4 semanas, tentando recrutar adeptos no interior, os "barbudos" cometeram um erro fatal: pararam para fazer uma refeição numa ravina, e, quando estavam assando um cabrito, foram surpreendidos e aniquilados pela Infantaria haitiana. Foram feitos 5 prisioneiros, e os mortos, inclusive Fuertes, foram enterrados numa cova comum.

Algumas observações devem ser feitas sobre o que aconteceu no Haiti em 1959:

— Embora as nações subdesenvolvidas tenham denominadores comuns (doença, fome e analfabetismo), cada uma tem feição própria, um caráter nacional, que deve ser considerado. No caso do Haiti, o povo humilde não se sublevou nem apoiou os invasores. Por quê? Mesmo sabendo que seu governo estava errado, teve o amor próprio de reconhecer que aquela era uma questão que cabia apenas a ele, povo haitiano, resolver.



Você não acha que a biblioteca da sua unidade lucraria com uma assinatura de A DEFESA NACIONAL? Dê essa idéia ao responsável por aquela dependência.